

SIMONE DOS SANTOS



1290002810



FE

TCC/UNICAMP Sa59L

**LITERATURA: UM PRAZER NECESSÁRIO AO HOMEM**  
**e as perspectivas da escola**

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
Dezembro – 2005

1290002810

UNICAMP - BIBLIOTECA

**LITERATURA: UM PRAZER NECESSÁRIO AO HOMEM**  
**e as perspectivas da escola**

Monografia apresentada como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
Dezembro – 2005

SIMONE DOS SANTOS



1290002810



FE

TCC/UNICAMP Sa59L

**LITERATURA: UM PRAZER NECESSÁRIO AO HOMEM**  
**e as perspectivas da escola**

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
Dezembro – 2005

1290002810

UNICAMP - BIBLIOTECA

**LITERATURA: UM PRAZER NECESSÁRIO AO HOMEM**  
**e as perspectivas da escola**

Monografia apresentada como exigência parcial para conclusão do curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

Universidade Estadual de Campinas  
Faculdade de Educação  
Dezembro – 2005

UNIDADE	F.E
Nº CHAMADA	CC/UNICAMP
	Sa59L
V:	
TOMBO	2810
PROC.	123/2006
C:	X
PREÇO	
DATA	24.03.06
Nº CPD	5100

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Santos Simone, dos.  
Sa59L      Literatura : um prazer necessário ao homem - e as perspectivas  
da escola / Simone dos Santos. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Ezequiel Theodoro da Silva.  
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de  
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Literatura. 2. Educação como humanização. 3. Emancipação. 4.  
Cultura. 5. Prazer. 6. Indústria cultural. I. Ezequiel Theodoro da Silva. II.  
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-312-BFE

SANTOS, Simone dos. *Literatura: um prazer necessário ao homem – e as perspectivas da escola*. Monografia defendida na UNICAMP pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva  
Orientador

---

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado  
Segundo Leitor

A Deus,

Pela proteção e força que recebi durante a realização deste trabalho. Pela energia sobrenatural, nas madrugadas de estudo, após tripla jornada de trabalho diário.

## AGRADECIMENTOS

*“...e a nossa vida gira em torno de uma  
busca incansável do desejo...  
Durante essa busca nos deparamos  
com pessoas, e algumas destas se tornam  
necessariamente importantes  
e grandes...”*

A realização desta monografia só foi possível pelo apoio de muitas pessoas. A todos manifesto minha gratidão. E de modo particular:

A meus pais e irmãos que sempre me incentivaram para perseverar nos caminhos da produção do conhecimento.

Aos que fazem diferença em minha vida, pelo apoio e compreensão em meus momentos de isolamento e até de irritação.

Ao meu orientador e segundo leitor que foram verdadeiramente essenciais na construção de cada etapa deste trabalho com seus conhecimentos, orientações, correções, mas sobretudo, com a confiança e prazer que demonstraram em acompanhar-me nesta pesquisa.

Às cinco alunas da Pedagogia que concordaram em fazer parte desta pesquisa, demonstrando seu apoio ao trabalho científico.

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>07</b>
<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>08</b>
<b>I – METODOLOGIA .....</b>	<b>10</b>
<b>II – QUADRO TEÓRICO .....</b>	<b>12</b>
<b>PARA QUE SERVE A LITERATURA? .....</b>	<b>12</b>
2.1 – A literatura enquanto ingrediente de formação do homem emancipado .....	20
2.2 – O prazer pela literatura na escola .....	29
2.3 – Literatura como Arte reveladora e transformadora da sociedade .....	35
<b>III – PESQUISA .....</b>	<b>41</b>
<b>CASOS DE PROFESSORES LEITORES .....</b>	<b>41</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>49</b>
<b>A ESCOLA A FAVOR DA (DE)FORMAÇÃO DE LEITORES .....</b>	<b>49</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>57</b>

## RESUMO

Este trabalho busca realizar uma reflexão acerca da literatura enquanto um prazer necessário à construção do ser humano e aponta perspectivas da escola em relação a seu papel nessa formação do homem. Para tal reflexão, foi usado como embasamento teórico a Teoria Crítica de Theodor Adorno, da Escola de Frankfurt, as idéias da segunda etapa da produção teórica de Georges Snyders, quando defende a alegria na escola através da cultura elaborada, bem como idéias de Barthes e Antonio Candido sobre a função da literatura. Para aprofundamento da reflexão, cinco alunas de Pedagogia da UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas – disponibilizaram perfis de si mesmas que foram produzidos na disciplina EP 356 – Literatura e Educação, em 2004, sob orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva, através do TELEDUC, um ambiente virtual de ensino à distância da UNICAMP. Num primeiro momento da monografia, é apresentado um quadro teórico cujo eixo central é a questão “*Para que serve a literatura?*”. Neste quadro teórico, a literatura é apresentada enquanto um ingrediente de formação do homem. Considerada uma Arte, a literatura é vista com uma função humanizadora que revela e possibilita a transformação do sujeito e, conseqüentemente, da sociedade. Tal função humanizadora acontece pelo canal do prazer que a literatura frui criando uma relação dialógica entre leitor e obra. Após a apresentação do quadro teórico, aparecem os cinco perfis comentados pela autora com base na teoria apresentada. A conclusão apresenta as perspectivas da escola diante da formação de leitores, a partir dos avanços e recuos possíveis diante da apropriação da literatura pela lógica do mercado e da indústria cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** função humanizadora, emancipação, cultura, prazer, indústria cultural.

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa trata da literatura enquanto uma necessidade para a construção do homem. O trabalho foi sistematizado e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso em dezembro de 2005 para encerramento do curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício. Pretendeu-se estabelecer relações entre os prazeres que a literatura proporciona com a idéia de formação de um homem emancipado pela cultura, segundo a ótica de representantes da Teoria Crítica.

A Indústria Cultural vai cada vez mais alienando a consciência humana e o preço pago é a perda gradativa da própria humanidade. A escola, sem dúvida, não é imune à ação dos modelos de (de)formação de leitores, o que interessa ao Neoliberalismo. A educação por fragmentos acaba por matar qualquer possibilidade de prazer com a literatura e assim se aniquila, pouco a pouco, a fantasia. Com a morte da fantasia, o capital instala qualquer manipulação psicológica sobre as pessoas. Pouco a pouco, o homem vai perdendo o referencial de seu *Dionísio* para viver apenas *Apolo*<sup>1</sup>. Com a roupagem da formação ampla e multi-cultural, muitas escolas acabam cumprindo apenas o papel de fabricante de indivíduos pseudo-intelectuais.

O mundo moderno tem levado as crianças cada vez mais cedo às escolas. A família, por conta das exigências do mercado de trabalho e até dos valores desta sociedade, tem deixado para a escola a tarefa de educar não só no aspecto sistematizado do saber, mas também na transmissão de valores, normas de conduta, noções básicas de higiene e convívio social e, principalmente, na transmissão de cultura seja ela oral ou escrita. Está cada vez mais difícil encontrar pais que contam “causos” ou lêem histórias para seus filhos. A escola, por sua vez, assume esse compromisso de forma mais didatizada e menos prazerosa.

Diante de uma sociedade de pseudo-leitores, de adolescentes e adultos “alfabetizados”, mas sem preparo para entender e sentir prazer com uma obra literária, pergunto sobre os impactos dessa morte cultural para a formação dos homens. Será que a literatura realmente tem o poder de humanizar pelo prazer que ela proporciona? Será

---

<sup>1</sup> Referência a personagens da Mitologia Grega. Dionísio está ligado a tudo o que é sensível, prazeroso e Apolo representa o racional, o lógico.

possível que a escola possa realmente desenvolver uma proposta pedagógica a favor da formação de leitores?

No sentido de buscar uma reflexão acerca das questões mencionadas acima – questionamento fundamental desta pesquisa - este trabalho pretendeu, a partir das idéias de Snyders, Antonio Candido e Adorno, estabelecer uma compreensão do papel da literatura enquanto provocadora de prazeres e dores necessários ao desenvolvimento cultural e do homem emancipado.

Aspectos metodológicos são apresentados num primeiro momento deste trabalho de pesquisa a fim de delinear os passos trilhados. Depois, são capítulos de um quadro teórico sobre o tema pesquisado. Posteriormente, será apresentada a pesquisa com leitores em forma de histórias de vida de cinco pessoas vinculadas à UNICAMP e, finalmente, apresentarei a conclusão do trabalho.

## I – METODOLOGIA

A presente pesquisa pretendeu realizar a crítica da formação literária através de fragmentos, pensando na alienação que consome a instituição escolar por meio da Indústria Cultural, a fim de buscar compreender como a formação acrítica e não-prazerosa contribui para a (de)formação de leitores. Também foi de fundamental importância para essa pesquisa apresentar a literatura enquanto uma Arte capaz de provocar sentimentos que constituem o homem e a sociedade.

Para esta pesquisa, foi utilizado como aporte teórico-metodológico a Teoria Crítica bem como algumas idéias de Snyders e Antonio Candido, que partem do princípio de que o indivíduo é um produto histórico e, portanto, um ser social. Com isso, pode-se afirmar que o estudo do particular pode levar ao universal embora não seja o universal.

Dessa forma e em acordo com a teoria crítica, o método utilizado nesta pesquisa foi o estudo de caso combinado com a crítica imanente, ou seja, realizou-se a desconstrução por dentro do objeto de estudo, visando captar as tendências sociais ao objeto particular.

A crítica imanente mergulha no objeto; neste caso, a relação com a literatura por parte de alguns leitores, procurando examinar seu conteúdo de verdade, à luz de sua relação com o todo. O particular, longe de ser dado como irrelevante, é a via através da qual a crítica, mergulhando por dentro do objeto, consegue ascender ao todo.

Segundo Horkheimer (1985)<sup>2</sup>, o método da teoria crítica não pode ser o método indutivo da teoria tradicional, que ambiciona chegar à lei através da agregação de observações particulares, mas um método indutivo que procura o universal dentro do particular, e não acima ou além dele.

Para tal, a pesquisa foi dividida em dois momentos, sendo o primeiro de enfoque teórico, o qual se originou de diversas leituras, estudos e sistematização do material

---

<sup>2</sup> ADORNO / HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

teórico a ser citado na bibliografia final e o segundo momento teve caráter prático através da coleta, análise e sistematização de dados de cinco histórias de vida de leitores que cursam Pedagogia na UNICAMP.

A coleta dos dados ocorreu, primeiramente, através da escolha de algumas histórias reais de leitores e não-leitores que estão registradas no ambiente TELEDUC<sup>3</sup>. São histórias de vida dos alunos que cursaram a disciplina EP 356 – Literatura e Educação, em 2004, sob orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva. Num segundo momento, intencionava-se realizar um diálogo com os autores das histórias de vida selecionadas para complementação dos dados através do ambiente virtual até que fosse possível chegar a um depoimento límpido e claro, com o aval do depoente, investigando sobre a influência positiva ou não da escola na formação do sujeito enquanto leitor bem como da literatura na formação humana de cada sujeito, mas esta etapa não foi possível acontecer em função do tempo limitado da pesquisa. Com isso, pretendia-se confirmar a hipótese inicial de que a literatura pode provocar prazeres capazes de modificar o homem e a sociedade de forma a torná-los mais capazes de um equilíbrio entre o lado *Apolo* e *Dionísio* de cada um. Os depoimentos iniciais, no entanto, deram indicativos para responder a tese inicial.

Posteriormente, foi realizada a sistematização dos dados obtidos sob o enfoque do referencial teórico escolhido, o que permitiu a elaboração da conclusão do trabalho.

---

<sup>3</sup> O TELEDUC é um ambiente virtual de ensino a distância da UNICAMP. Esse ambiente virtual pode ser acessado pelo site [www.ead.unicamp.br/~teleduc](http://www.ead.unicamp.br/~teleduc)

## II – QUADRO TEÓRICO

### PARA QUE SERVE A LITERATURA?

*“Estranhem o que não for estranho.  
Tomem por inexplicável o habitual.  
Sintam-se perplexos ante o cotidiano.”  
(Bertold Brecht)*

A produção da cultura sempre esteve atrelada ao estudo feito pelo homem sobre a arte por ele mesmo produzida. Pensar sobre a função da literatura tem sido assunto de muitas controvérsias. Durante o processo de evolução cultural do homem, muito se tem discutido sobre esse assunto. Afinal, em cada época literária, são atribuídas à literatura funções distintas, condizentes com a realidade cultural e, portanto, social, da época.

Segundo Amorin, em artigo publicado em 2001, sob o título de *A Literatura em busca de um conceito*, a linguagem é uma expressão “fascista” porque nos obriga a dizer conforme sua própria estrutura. O autor afirma isso com base na leitura de Barthes e traz para seu artigo a discussão de que a literatura é o exercício de liberdade da linguagem, visto que através dela é possível comunicar-se fugindo, muitas vezes, dos rigores da estrutura da língua. É, portanto, Arte uma vez que possibilita transcender o cotidiano, embora imite a realidade. Ainda conforme afirmação de Amorin (2001),

*“...uma das funções da literatura é a representação do real. Esta representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado em um plano unidimensional por ter uma natureza distinta, pluridimensional. Assim, Barthes diz que a literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira heteronímia das coisas. Essa heteronímia pode ser melhor entendida quando se pensa que esta linguagem é livre para conferir novos significados às palavras. Ela joga com os signos ao invés de reduzi-los a um universo já determinado.” (AMORIN, 2001:3)*

Com isso, para esse autor, uma das funções da literatura é a representação do real. Isso é assim porque a literatura, embora crie novos universos, está sempre sendo inspirada a partir da realidade. Penso que esta é a verdadeira concepção de Arte, pois parte da realidade, mas a transcende na dimensão estética do belo.

No entanto, antes de nos apegar às funções da literatura e até para colocá-la, desde já, no seu devido lugar, trago Umberto Eco como meu convidado para a reflexão deste quadro teórico, a partir de seu texto *Sobre algumas funções da literatura*, publicado no livro *Sobre a Literatura*, em 2003<sup>4</sup>. A grande questão dele, neste texto, também é o para que serve a literatura. A essa pergunta o próprio Umberto Eco responde com um sonoro: PARA NADA. Durante todo seu texto, falando das funções da literatura, esse NADA permaneceu ecoando em meus ouvidos. Ainda posso escutá-lo! Ao dizer que a literatura não deve servir para nada, escutei a resposta que sempre quis dar e sempre me calaram, pois a nossa sociedade positivista não suporta o nada que é arte e, por isso, o transforma em objeto de indústria cultural. O servir para nada é encarado como não ter função e, com isso, a literatura, bem como outras formas de arte, ficam jogadas à margem de qualquer valor, vistas como coisa de elite.

O império da copiabilidade industrial desfacela a arte, acabando com a fantasia, com a emoção, com a confusão, com o ócio, com o nada... Faz isso através da mídia que dita normas do que deve ou não deve ser apreciado e através da objetividade científica que dá a tudo sua devida função. A literatura, enquanto arte, não deve servir a nada do ponto de vista lógico.

Diante do nada que está a serviço da literatura, Umberto Eco discursa sobre as funções da mesma e dentre elas está o exercício da língua como patrimônio coletivo da humanidade, pois contribui para criar identidade e comunidade, bem como para exercitar a língua individual. Mesmo com o nascimento de uma linguagem completamente diversa no universo virtual como temos hoje, a literatura culta e elaborada é fonte de fantasia, de entrega pessoal e de identificação com as próprias emoções, com a sociedade, com a identidade pessoal de cada leitor.

---

<sup>4</sup> ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. RJ: Record, 2003.

Amorin (2001) traz a visão de Candido (1972) para seu artigo, pontuando que este último define uma função humanizadora para a literatura, que o próprio Candido divide em três aspectos: a *função psicológica*, por apresentar forte ligação com a capacidade e necessidade que o homem tem de fantasiar; a *função formadora* que se apresenta justamente pela relação da fantasia com a realidade.

*“A literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...] Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica, [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela. [...] Dado que a literatura ensina na medida em que atua com toda a sua gama, é artificial querer que ela funcione como os manuais de virtude e boa conduta. E a sociedade não pode senão escolher o que em cada momento lhe parece adaptado aos seus fins, pois mesmo as obras consideradas indispensáveis para a formação do moço trazem freqüentemente aquilo que as convenções desejariam banir. [...] É um dos meios por que o jovem entra em contato com realidades que se tenciona escamotear-lhe.” (CANDIDO, 1972: 805 In: AMORIN, 2001: 4)*

O último aspecto da função humanizadora da literatura é a *função social* que permite ao leitor a identificação do real na ficção seja esta idêntica à realidade ou estereotipada.

Estes três aspectos da função da literatura, conforme apresentados por Amorin (2001) chamaram muito minha atenção, pois revelam exatamente a idéia inicial que motivou-me para este trabalho.

A literatura, novamente buscando Umberto Eco (2003), tem o poder de criar a fantasia necessária para se ter esperança nos homens e na sociedade. Diante de uma obra literária temos a liberdade de interpretação, mas essa liberdade não é plena porque nem tudo está nas entrelinhas. Sempre há algo que está sendo dito e que consente uma só leitura. Penso que esse exercício de liberdade com autoridade, com ordem leva à disciplina necessária para o desenvolvimento pessoal e social. Gosto de dizer que a arte

nada mais é do que a expressão do desejo e do limite que todo desejo impõe. Assim também a literatura libera e limita a imaginação; libera por suas entrelinhas e limita pelo escrito propriamente dito.

Eco (2003), em seu texto, exemplifica através de histórias conhecidas da literatura o quanto é preciso limite em algumas interpretações literárias. Determinados fatos das histórias não podem ser mudados ao simples desejo do leitor. Afinal, determinadas façanhas se tornam tão integradas à vida real que já não podem ser mudadas. Ele cita o exemplo de que quase todos entendem do que trata a expressão “Complexo de Édipo”, embora poucos tenham lido a história de Édipo Rei. O personagem foi absorvido pela cultura viva e nisso reside um dos poderes da literatura.

A literatura é o campo da dúvida, mas também de algumas certezas. Ela desperta emoções em quem lê, transforma certezas e tem sabor ora de amor, ora de dor, mas tem sabor...

*“Se, como se viu, a literatura promove no homem o desenvolvimento de sua intelectualidade, proporcionando-lhe um equilíbrio moral e psicológico, bem como uma maior integração com a realidade que o cerca, seja a que ele vivencie diretamente ou não, a literatura deve, então, ser enquadrada dentro da categoria dos bens incompreensíveis<sup>5</sup>.”*

(AMORIN, 2001: 5)

A sociedade burguesa se fundamenta sobre os pilares da ciência, ou seja, se constitui a partir da homogeneidade e das certezas. Para esta sociedade, o diferente serve apenas para comparação com aquilo que é regra. Com isso, a presença do indivíduo praticamente desaparece. Tudo aquilo que não pode ser calculado sob este princípio da equivalência é posto de lado, a mercê do esclarecimento, passando ao campo da literatura, como se esta fosse algo menor. *“O despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como o princípio de todas as relações”.*(ADORNO, 1985: 24)

---

<sup>5</sup> A expressão “bens incompreensíveis” é uma colocação de Candido (1972), segundo a leitura de Amorin (2001) para dizer das coisas que são indispensáveis ao desenvolvimento humano e, portanto, devem ser encaradas como direito de qualquer indivíduo.

Pensar num homem isento de literatura implica aceitar passivamente que a dominação é a essência de todas as coisas. Para o homem, em nossa sociedade do capital, tudo é feito para ele e, dessa forma, perde-se enquanto indivíduo uno. O poder conferido pelo esclarecimento que transforma a natureza em mera objetividade cresce tanto quanto sua própria alienação. Quanto mais o homem se entrega ao saber objetivo e calculável, mais se aliena de sua essência. Perde o mito, pois passa a conhecer apenas o manipulável. O homem domina pelo que sabe e o sistema determina o que deve ser sabido embora ele próprio não tenha consciência da dominação a que está sendo submetido.

Para a ciência, tudo pode ser reduzido e conhecido a partir de uma amostra, pois predomina o princípio da generalização. O comportamento humano, por exemplo, pode ser compreendido através de experiências laboratoriais com macacos, ratos ou coelhos. O princípio do comportamento é o mesmo. *"A natureza desqualificada torna-se matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo-poderoso torna-se o mero ter, a identidade abstrata"*. (ADORNO, 1985: 24)

Na verdade, ao procurar a própria identidade, o homem, por estar subjugado ao poder da dominação da sociedade burguesa, busca ser igual. Não há individualidade; a construção da identidade na sociedade moderna é pré-formada. Na ausência do ser, o homem transforma-se no ter; o que vale é o poder de compra. Enquanto isso, a idéia de liberdade e igualdade vai se sobrepondo feito uma perfeita máscara que esconde as diferenças de oportunidade e priva o homem do esclarecimento. *"Os homens receberam o seu eu como algo pertencente a cada um, diferente de todos os outros, para que ele possa com tanto maior segurança se tornar igual"*. (ADORNO, 1985: 27)

Nesse processo de perda do eu, a capacidade de pensar o pensamento fica castrada e por não suportar o medo do desconhecido, o homem perde a dimensão dupla da natureza como aparência e essência, ação e força, segundo o pensamento de Adorno (1985). As coisas perdem os sentidos em nome da objetividade, do mensurável e a compreensão dialética não se realiza na ausência do pensamento. Esse é o grande prejuízo da ausência da literatura na e para a vida humana. No contato com o Nada, na distância do mensurável, do objetivo, o ser humano aparece enquanto essência, surgem sentimentos, desejos, frustrações há muito reprimidos pela sociedade do capital.

A sociedade burguesa reduz o esclarecimento ao princípio positivista do manipulável. Tudo se transforma em repetição daquilo que já existiu. Haja visto a moda que periodicamente retorna com os mesmos modelos do passado, a música, a arquitetura, tudo parece estar preso a um círculo vicioso do sempre igual. *“Com o progresso do esclarecimento, só as obras de arte autênticas conseguiram escapar à mera imitação daquilo que, de um modo qualquer, já é. (...) A arte da copiabilidade integral, porém, entregou-se até mesmo em suas técnicas à ciência positivista”*. (ADORNO, 1985: 31) A cultura progressivamente vai se perdendo em nome da Indústria Cultural.

Para o positivismo, a arte e também os cultos oficiais são permitidos, porém colocados à mercê do esclarecimento; são tidos como atividades sociais de cunho particular que nada têm a ver com o conhecimento. O conhecimento restringe-se àquilo que pode ser objetivado. Dessa forma, *“sujeito e objeto tornam-se nulos”*. (ADORNO, 1985: 38) O formalismo matemático é que determina o pensamento e, com isso, a repetição pode ser considerada a ferramenta mais significativa do saber.

A alienação dos homens, no entanto, não é o único preço a pagar. O pior talvez seja o fato de que as próprias relações humanas e até as relações consigo mesmo ficam enfeitiçadas, coisificadas. Os padrões de comportamento produzidos pela ação da indústria cultural são introjetados como se fossem os únicos possíveis e aceitáveis para uma sociedade decente e racional. Arriscar-se a padrões diferentes implica nadar contra a maré, arriscar-se à exclusão social. *“O progresso... amaldiçoou do mesmo modo aquele que, esquecido de si, se abandona tanto ao pensamento quanto ao prazer. O trabalho social de todo indivíduo está mediatizado pelo princípio do eu na economia burguesa”*. (ADORNO, 1985: 41)

No dias atuais, a ideologia já não precisa nem ser disfarçada. A cultura se transformou na completa revelação do sempre igual. O cinema, o rádio, as revistas, a TV já não tentam se passar por arte. Revelam-se claramente enquanto indústria e assumindo um caráter de necessidade, chega aos consumidores como a única forma de cultura possível, sem a menor resistência. Os produtos da indústria cultural são a manifestação mais óbvia da dominação.

O talento não está mais na arte do artista, na capacidade de transcender o cotidiano, mas sim no quanto de dinheiro a indústria cultural investe neste ou naquele artista ou escritor.

Frente a pseudocultura, a arte perde seu lugar. Deixa de ser a transcendência do cotidiano para se tornar algo útil. *“Tudo é percebido do ponto de vista da possibilidade de servir para outra coisa, por mais vaga que seja a percepção dessa coisa”*. (ADORNO, 1985: 148) Transformar a literatura em algo útil tem sido um dos maiores desafios das escolas, por exemplo. A arte transforma-se num gênero de mercadoria em escala industrial. Vendida de forma promocional, a arte produzida em série não é o resultado da democratização da cultura às classes populares, mas sim a degradação da própria arte, que aparece no mercado isenta de crítica e respeito.

*“Transformadas em simples brindes, as obras de arte depravadas são secretamente recusadas pelos contemplados juntamente com as bugigangas a que são assimiladas pelos meios de comunicação”*. (ADORNO, 1985: 150) *“Na medida em que a cultura se apresenta como um brinde, cujas vantagens privadas e sociais no entanto estão fora de questão, sua recepção converte-se no aproveitamento de chances”*. (op. Cit., p. 151)

Na literatura isso também acontece. Recentemente, a revista Época encartou como brinde o primeiro capítulo da nova obra de Paulo Coelho. Independente dos méritos literários desse escritor, sua obra aparece transfigurada em mero produto de venda da Indústria Cultural e, portanto, banaliza-se.

A cultura foi se confundindo de tal forma com a publicidade que deixou de ser cultura, passou a ser mercadoria e agora se apresenta enquanto instrumento publicitário para exibir o poderio da indústria. A mistura da cultura e da publicidade é tão intrínseca que transforma-se em técnica propagandística para a manipulação de pessoas. É aquele gibizinho que vem como brinde numa caixa de sabão em pó, aquele livrinho “sem pé nem cabeça” que é vendido num varejão de hortifrutigranjeiros... Mais ainda, a publicidade se utiliza da pseudocultura para vender seus produtos, fazendo com que o

consumidor tenha a ilusão de ascensão. Algo como se ao comprar e ler tais obras promocionais já tornasse qualquer criança um intelectual. Com isso, a indústria cultural vende ao mesmo tempo dois produtos: o sabão em pó ou a alface e o gibi ou livro criados pela mídia enquanto “*literatura*”.

Pensar na não-função da literatura, rompendo com a ordem positivista das coisas, ousando atribuir o merecido valor àquilo que não está ligado com o mensurável, com o objetivo já é um passo para o resgate da essência humana. A fantasia é parte do humano e ela, de certa forma, é o que distingue o homem dos outros animais. A Indústria Cultural vem destruindo a fantasia para transformar o homem em mero boneco ventríloquo. Michael Ende<sup>6</sup>, na obra “A história sem fim” retrata de forma encantadora a morte de Fantasia. Não podemos pensar num ser humano que seja só libido e fantasia, pois isso seria a sua morte social, mas buscar o seu oposto, aniquilando a fantasia do ser, é também matá-lo através da eterna escravidão provocada pela ciência absolutista. O equilíbrio e a disciplina bem como o ser emancipado não vêm da ciência como única fonte de toda a verdade, nem tampouco do sentimentalismo irracional. Trata-se de permitir a coexistência da razão e da emoção, dialeticamente, para a construção de um ser humano esclarecido. Nisso reside a grande função da literatura, bem como de outras formas de Arte.

---

<sup>6</sup> Não foi possível localizar o ano de publicação da obra de Michael Ende.

## 2.1 – A LITERATURA ENQUANTO INGREDIENTE DE FORMAÇÃO DO HOMEM EMANCIPADO

*“A imensa infelicidade das pessoas  
Nada é mais urgente do que suportá-la  
Nada mais, senão o outro, me é urgente.”  
(Maine de Biran, 1819)*

A formação de um homem emancipado pressupõe partir do princípio de que é possível conviver dialeticamente com um homem que é razão e emoção. Emancipação, no entanto, é um conceito ainda abstrato para a sociedade visto que os homens estão subjugados ao poder da indústria cultural. Pensar em emancipação significa pensar em dialética e não há como conceber uma democracia sem indivíduos emancipados o que nos leva à conclusão de que as sociedades modernas não são democráticas de fato, razão fundamental para a urgência da reflexão sobre a formação de um homem emancipado. O pensamento, instrumento primeiro para a emancipação, no capitalismo, é suprimido das pessoas. Segundo Snyders (1988), é *“a cultura que me obriga a olhar a realidade de frente – ou pelo menos torna mais difícil o refúgio nos atalhos. Uma cultura que me ajuda a assumir minha responsabilidade; a abstenção nunca é possível, nunca é real; não se pode ‘tirar o corpo fora’; fazer silêncio é ainda tomar partido...”* (SNYDERS, 1988: 69). É preciso formar consciências verdadeiras, trabalhar pelo esclarecimento, o que é imprescindível para a formação do cidadão.

Na busca de livrar-se do mito, o homem busca o esclarecimento para elevar-se ao saber, porém isto lhe proporciona a superioridade sobre os não-esclarecidos. No entanto, a humanidade não atingiu o esclarecimento real porque o saber limitou-se a conhecimentos parciais. O homem acabou sendo absorvido por conceitos fragmentados do saber e distanciou-se da natureza, da essência.

A dominação passa a ser a essência de todas as coisas. O poder que transforma a natureza em mera objetividade cresce tanto quanto a própria alienação do homem que quanto mais se entrega ao saber objetivo e calculável, mais se aliena de sua essência. Perde o mito, pois passa a conhecer apenas o manipulável. O homem domina pelo que sabe e o sistema determina o que deve ser sabido embora ele próprio, muitas vezes, não tenha consciência da dominação a que está sendo submetido.

Ao homem importa apenas o domínio sobre a natureza e o esclarecimento se esvai nesse movimento isento de autoconsciência. *“Só o pensamento que se faz violência a si mesmo é suficientemente duro para destruir os mitos”*. (ADORNO, 1985: 20) Mas como o homem foi perdendo a capacidade de pensar o próprio pensamento, produziu apenas conhecimentos parciais e a tentativa de romper com o mito, na verdade produziu uma ciência também mítica no sentido de criar um conhecimento fragmentado, com saberes absolutos e antidialéticos. *“Nenhuma distinção deve haver entre o animal totêmico, os sonhos do visionário e a Idéia absoluta. No trajeto para a ciência moderna, os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade.”* (ADORNO, 1985: 21)

A ciência construiu-se a partir do critério da calculabilidade e da utilidade, delegando todo o conhecimento metafísico para o campo da superstição. Por isso, o esclarecimento é totalitário e, no entanto, ainda se reconhece no mito. Afinal, *“... o elemento básico do mito foi sempre o antropomorfismo, a projeção do subjetivo na natureza. [...] Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber ao sujeito.”* (ADORNO, 1985: 22) A objetividade utilitária da ciência faz do esclarecimento um saber reduzido, transformando a história em fatos, a literatura em fragmentos com pretexto pedagógico, as coisas em simples matérias.

A sociedade se depara, hoje, com o estreitamento da capacidade de linguagem das pessoas. Tomados pelas imagens produzidas pela indústria cultural, os homens já não elaboram mais a própria linguagem. Isso reflete na formação das crianças, nos primeiros anos de vida enquanto um empobrecimento da linguagem. A dominação é tão forte que a fantasia está sendo suprimida até mesmo de crianças muito pequenas. O brincar que é a linguagem natural das crianças e se dá pela fantasia quase não acontece mais. Nossas crianças vivem o estresse do mundo adulto desde cedo, com suas agendas lotadas de atividades extra-escolares como natação, futebol, ballet, kumon, psicólogo, fonoaudiólogo, etc. O pouco que sobra de tempo para brincar, para fantasiar, se submete aos jogos dominados pela linguagem informatizada e da mídia. A linguagem da pseudocultura.

Embora a indústria cultural promova certa distinção de padrões em seus produtos a fim de atender às diferentes camadas sociais, tudo não passa de uma grande

ilusão. A produção em massa dessa falsa cultura está nos shoppings e nas lojas de R\$1,99; no caso da literatura, nas livrarias universitárias e nas populares. A dominação está presente em toda produção que não extrapole o cotidiano. A dominação é tão óbvia que a classificação do que deve servir a uma classe ou a outra já está pré-determinada. *“O mundo inteiro é forçado a passar pelo filtro da indústria cultural. A velha experiência do espectador de cinema, que percebe a rua como um prolongamento do filme que acabou de ver, porque este pretende ele próprio reproduzir rigorosamente o mundo da percepção quotidiana, tornou-se a norma da produção”*. (ADORNO, 1985: 118)

Na verdade, a indústria cultural envolve de tal maneira que faz todos, indistintamente, se alienarem nela. Até mesmo quem ousa pensar além, fazer a crítica, só pode sobreviver usufruindo dos produtos culturais, de uma forma ou de outra. Afinal, abandonar os passos marcados pela dominação do sistema, requer assumir a exclusão total do mesmo. *“Excluído da atividade industrial, ele terá sua insuficiência facilmente comprovada. Atualmente em fase de desagregação na esfera da produção material, o mecanismo da oferta e da procura continua atuando na superestrutura como mecanismo de controle em favor dos dominantes”*. (ADORNO, 1985: 125)

O poder da indústria cultural se faz tão efetivo porque age na criação de necessidades humanas. Mediado pela diversão, seus produtos se colocam no mercado como se fossem de fundamental necessidade, a base da felicidade. Com isso, os homens não se dão conta do quanto seu lazer está sendo apenas um prolongamento do trabalho, do cotidiano. É o caso do sujeito que diz, orgulhoso, ocupar suas horas livres com boa literatura para estar melhor preparado para o mercado de trabalho. Dominados pela mecanização, a sociedade vai usufruindo de um pseudo-lazer, pseudo-cultura. *“...a mecanização atingiu um tal poderio sobre a pessoa em seu lazer e sobre a sua felicidade, ela determina tão profundamente a fabricação das mercadorias destinadas à diversão, que esta pessoa não pode mais perceber outra coisa senão as cópias que reproduzem o próprio processo de trabalho”*. (ADORNO, 1985: 128) Nesse contexto, o pensamento fica completamente mutilado.

Para a ciência tradicional que tem como objetivo a verdade observável constituída no aqui e agora e que parte sempre da lógica positivista, a tensão dentro de uma teoria não pode ser bem vista. A ciência não é dialética, *“...a síntese unidimensional, em que a realidade se confunde com a utopia, e em que o real só pode ser visto como racional*

ao preço de reduzir o real ao mero existente e o racional ao razoável, repousa, assim, sobre a unidade repressiva de uma pseudo-racionalidade e de uma pseudo-realidade”. (ROUANET, 1979: 157) O real se torna falso e a nossa razão já não pensa. Nosso pensamento já está tão domesticado que não pensamos. Apenas adaptamos meios a fins.

A cultura elaborada não é nenhum remédio para todos os males do capitalismo, mas suscita uma certa revolta, bem como coloca o homem em contato com o belo, instigando-o a uma maior lucidez diante das aberrações do mundo. Penso como Snyders (1988) quando afirma que a

*“... cultura não é passadista; visa o atual, o contemporâneo, vive de modernidade.” (SNYDERS, 1988: 31), “Há um mundo de alegria que só o presente pode dar, pois o presente é o lugar de minhas tarefas e dos meus projetos; [...] é muito evidente que só podemos agir no presente. A cultura elaborada só me trará plenamente a alegria que espero se (evidentemente sem negligenciar o passado) ela for até o fim, até o presente, se, mesmo quando ela se ocupa do passado, ela se estender ao presente... Uma cultura que me ajuda a tomar consciência do mundo de hoje e me faça sentir que é digno apaixonar-se por ele – a despeito de tudo.” (SNYDERS, 1988: 46)*

Mas também em consonância com este autor, e ainda citando-o,

*“tenho necessidade de uma cultura para resgatar os fatos que vivo, em toda sua capacidade, sua intensidade possível: através do fervilhar confuso de polêmicas, de incidentes, de detalhes técnicos, são de fato escolhas fundamentais...”*  
(SNYDERS, 1988: 47)

As pessoas necessitam aprender a pensar e sentir o pensamento. Afinal, sem um nível de reflexão, não há emancipação e nem formação de indivíduos. Os homens tornam-se seres genéricos, sem qualquer individualidade. Com isso, a humanidade experimenta a barbárie, fruto da falência da cultura elaborada. Entregue à indústria

cultural, os homens acabam condenados ao enfraquecimento do próprio eu e barbarizam-se. Isentos de esclarecimento, perdem a capacidade de refletir de forma transparente em prol de uma vida mais humana. Talvez nisto resida a maior dificuldade em mudar o percurso da estrutura social em que vivemos, dando maior espaço à Arte enquanto saber revelador do homem e da sociedade.

Considerando o esclarecimento enquanto a possível saída dos homens de sua menoridade, a necessidade de emancipação requer pensar a questão do talento. Para a teoria crítica, a possibilidade de admitir talentos inatos é negada visto que o desenvolvimento de aptidões está relacionado com a interação que se tem com o meio social. Logo, as escolhas são sempre históricas, permeadas por relações externas sociais. Portanto, a literatura não pode ser vista enquanto privilégio de poucos, embora ainda seja assim. Ela pode e deve servir como ingrediente para a formação de um homem emancipado.

A literatura, dentre várias outras formas de arte, tem uma característica fundamental nesse processo de emancipação do homem que é seu caráter individual e reflexivo. Isso possibilita a quem lê tamanha liberdade e prazer justamente por colocá-lo diante da relação do próprio eu com a obra de arte. No entanto, esse aspecto crucial da literatura enquanto prática individual também vem sendo suprimido do homem. Lajolo (2000) faz importante colocação a esse respeito:

*“A atividade de leitura, que, em suas origens, era individual e reflexiva (em oposição ao caráter coletivo, volátil e irrecuperável da oralidade de poetas e contadores de histórias), transformou-se hoje em consumo rápido do texto, em leitura dinâmica que, para ser lucrativa, tem de envelhecer depressa, gerando constantemente a necessidade de novos textos. [...]*

*O que se reserva aos professores de hoje, a partir inclusive de sua formação profissional, é a divulgação de livros, a decifração de significados, a intermediação e o patrocínio do consumo de textos impressos. E só muito incidentalmente, e como que por acréscimo, a iniciação de jovens na leitura...” (LAJOLO, 2000: 105)*

Sendo desconsiderada a possibilidade de talentos inatos, pois acredita-se que a cultura elaborada é algo a ser aprendido, a educação para a emancipação deve proporcionar, em primeiro lugar, o esclarecimento para que as relações sociais e de aprendizado sejam mais livres. Ou seja, promover a emancipação pela educação é bastante diferente de oferecer escola a todos conforme garante a lei constitucional, assim como considerar a literatura enquanto ingrediente para a formação do homem emancipado é extremamente diverso de oferecer livros e mais livros para as massas através de escolas que transformam a literatura em pretexto para o ensino. O tipo de escola que se oferece é que se torna fundamental, bem como o uso que se faz dos livros que chegam nas escolas faz toda a diferença e a realidade tem mostrado que a educação não está caminhando para a promoção da emancipação. Não somos educados para o esclarecimento.

*“O motivo evidentemente é a contradição social; é que a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma (...) uma das tarefas mais importantes na reforma da escola é o fim da educação conforme um cânone estabelecido e a substituição deste cânone por uma oferta disciplinar muito diversificada”.* (ADORNO, 1985: 181 - 182)

Esse processo de formação alienante leva o homem a perder qualquer possibilidade de ter uma identidade autônoma, leva a perda do próprio nome e o maior medo da humanidade, ou seja, perder-se de si mesmo, perder a própria individualidade se faz uma presença constante na vida de qualquer um. Aliás, temos uma sociedade de “qualquer um”. O homem é aquilo que determinam dele, é um número na escola, no trabalho, na economia, na vida. Somos todos números anônimos.

De tão distante de uma identidade própria, de tão alienado e dominado pelo sistema, o homem já não conhece o prazer, não consegue transcender ao que é esperado dele. Seu lazer é enlatado, ou seja, pré-produzido pela indústria cultural. O homem já não é dono do próprio querer. Tudo isso, no entanto, acontece sob a máscara da liberdade de escolha. O homem tem a liberdade de escolher a qual programa de televisão deseja assistir mas não se dá conta de que toda a programação segue o mesmo

padrão; pode escolher a qual rádio ouvir mas a programação de todas pouco difere entre si, possui uma infinidade de títulos de literatura para ler, mas freqüentemente, a mídia o leva a fazer sempre as escolhas da moda. A liberdade de escolha serve apenas como máscara para garantir o consumo e, sobretudo, a alienação pacífica da humanidade.

A ação da indústria cultural vai na direção de fazer todos acreditarem que seus desejos podem ser realizados, mas como nunca o são, os homens ficam condenados a consumirem eternamente. Na verdade, o que a indústria cultural oferece é o mesmo cotidiano mascarado de paraíso. *“A fusão atual da cultura e do entretenimento não se realiza apenas como depravação da cultura, mas igualmente como espiritualização forçada da diversão”*. (ADORNO, 1985: 134) Dessa forma, o mercado vai abrangendo os diversos setores da vida, sejam eles religiosos, de entretenimento, entre outros. O desejo é criado e controlado pelas estatísticas. Alienados no mundo do sempre igual, os homens vão se moldando de acordo com aquilo que é apresentado como desejo da maioria. Se todos gostam, se todos querem, deve ser bom – é o pensamento dominador que vai tornando a pessoa cada vez mais impotente e isento da capacidade de pensar e sentir. *“A indústria cultural realizou maldosamente o homem como ser genérico.(...) Ele próprio, enquanto indivíduo, é o absolutamente substituível, o puro nada”*. (ADORNO, 1985: 136)

Buscando sempre a repetição a fim de garantir sua veracidade, a indústria cultural coloca apenas duas opções às pessoas: participar ou omitir-se, mas também isto é pseudoliberalidade. *“O inimigo que se combate é o inimigo que já está derrotado, o sujeito pensante”*. (ADORNO, 1985: 140) Sob a máxima da liberdade de expressão, rege a dominação. Afinal, as pessoas são colocadas desde o seu nascimento em instituições modeladoras de comportamentos e valores: são igrejas, clubes, associações etc.

Assim como os livros infantis prometem sempre um final feliz depois da mais tenebrosa tragédia, a indústria cultural utiliza-se do mesmo recurso. Apresenta o trágico como mero capítulo de uma história com final feliz. Os meios de comunicação de massa fazem desse recurso sua metodologia de trabalho. É assim que os noticiários, por exemplo, apresentam uma catástrofe e logo em seguida, outra notícia bastante agradável para a população.

Aquele que consegue tomar consciência da própria alienação e enxergar além do padrão, acaba condenado a mera contemplação do belo, da arte, sobretudo porque a cultura elaborada ainda é propriedade de poucos em nossa sociedade.

*“O que ele escuta não tem conseqüências para ele, a única coisa que consegue fazer é acenar com a cabeça... sua sedução transforma-se, neutralizada num mero objeto da contemplação, em arte”.* (ADORNO, 1985: 45)

*“No trajeto da mitologia à logística, o pensamento perdeu o elemento da reflexão sobre si mesmo, e hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta”.* (ADORNO, 1985: 48) No entanto, reconhecer esta dominação já é uma forma de intervenção possível dentro desse sistema.

*“A cultura sempre contribuiu para domar os revolucionários, e não apenas os bárbaros. A cultura industrializada faz algo a mais. Ela exercita o indivíduo no preenchimento da condição sob a qual ele está autorizado a levar essa vida inexorável. (...) Basta se dar conta de sua própria nulidade, (...) e já estamos integrados. A sociedade é uma sociedade de desesperados”.*

(ADORNO, 1985: 143)

Colocar a literatura como ingrediente de formação do homem emancipado, portanto, não implica em dar a ela a função redentora contra toda a alienação provocada pela indústria cultural. Isso seria tamanha ingenuidade que a nada levaria senão a perpetuação da dominação. A função da literatura está, como já afirmei anteriormente nesse trabalho, em seu aspecto humanizador. É a literatura enquanto arte capaz de colocar o homem em contato com seu próprio eu, durante sua prática individual e reflexiva, que pode ser ingrediente de emancipação.

*“O papel da literatura é transmutar o obscuro da vida no que Proust chama de ‘o imaterial’: o cultivo simbólico das idéias e do sentimento evocados – e eis-nos agora menos desorientados, menos perdidos, menos solitários também.*

*[...] A obra de arte facilita meu acesso ao mundo... ”*

(SNYDERS, 1988:53)

## 2.2 – O PRAZER PELA LITERATURA NA ESCOLA

*“Um bom poema é aquele  
que nos dá a impressão  
de que está lendo a gente  
... e não a gente lendo a ele!”  
(Mário Quintana)*

O positivismo não se curvou sequer ao pensamento que ao produzir todo o avanço tecnológico trouxe pra junto de si o homem coisificado. Esse processo de alienação se dá até dentre os mais esclarecidos e começa logo ao nascer. Toda a educação é marcada pela interiorização do padrão, da regra, da dominação. Nesse aspecto, a escola, depois da família, é uma das primeiras instituições a contribuir com a formação alienada do sujeito. *“A expulsão do pensamento da lógica ratifica na sala de aula a coisificação do homem na fábrica e no escritório”*. (ADORNO, 1985: 42)

Esse processo de formação alienante leva o homem a perder qualquer possibilidade de ter uma identidade autônoma, conforme já afirmei anteriormente, leva à perda do próprio nome e de si mesmo, de sua própria individualidade.

O distanciamento da identidade, a transformação de sujeitos em meros indivíduos experimentando o sempre igual acaba tirando do homem sua capacidade de sentir prazer. Aliás, Barthes, na leitura de Amorin (2001), condena até mesmo o prazer que para ele está ligado à direita, vem da cultura elitista, é confortável. Sua defesa é pelo gozo/fruição. Uma perversão ligada à esquerda, desconfortável, faz vacilar as bases do leitor, tem métodos. Para ele, o prazer é apenas um gozo enfraquecido, aceito, desviado. Gozo e prazer se completam apenas quando há uma transcendência entre leitor e obra.

Ainda baseada em Barthes, o escritor não é ativo nem o leitor passivo. Quando há uma perfeita fruição da obra, entra-se numa perversão entusiasmada capaz de romper com qualquer ideologia. O gozo é o que permite ler o mesmo texto diversas vezes, cada vez de um modo único.

É o saber esclarecido, portanto, que pode proporcionar a alegria e, por isso, é necessário na escola. Segundo Snyders (1996), o saber fortalece a alegria de viver.

Nesse campo, pode-se afirmar que a literatura é o prazer do agora, é o que a escola pode e deve proporcionar. Infelizmente, a escola tem sido o lugar do futuro, baseado nos saberes do passado; lá se prepara para um “futuro” cheio de promessas e ameaças e praticamente, não há lugar para o presente, para o gozo e a fruição. Com isso, alguns permanecem rancorosos contra a escola por ter lhe tirado os “melhores anos de sua vida”, imóvel nos bancos escolares. A grande maioria, no entanto, se adapta e segue conformado com a monotonia da escola. Quase sempre aprendem muito mais nas madrugadas de navegação pela Internet do que durante as aulas do sempre igual, de saberes, às vezes, até desatualizados. Mas ninguém ousa dizer que a escola não é importante e necessária. Todos sabem que é. Para quê? Para o futuro!

Também não serei eu a condenar a escola, mas questionarei seu foco, seu modo, sua forma de educar para os interesses do capital, assim como já o fizeram diversos pensadores como Snyders, Adorno, entre outros que venho citando no decorrer deste trabalho. A escola é lugar de reprodução, mas também pode ser de esclarecimento.

Penso que o mundo precisa de arte, precisa de humanidade, precisa também de revolta para mover-se contra toda forma de dominação a que a sociedade está submetida e aqui quero frisar o óbvio: falo em sociedade para falar de pessoas; a sociedade não é um monstro fictício e abstrato – ela só existe objetivamente através das pessoas que a formam.

Snyders (1996) considera o dia-a-dia da sala de aula realmente lastimável pela superlotação, pelos locais inadequados, pelo cansaço e pelas angústias que se vê nos olhos de alunos e professores, pela preocupação única em sobreviver, cada um a seu modo, porém, todos na mesmice da sala de aula.

*“Um pouco mais e teremos a alegria castigada em praça pública...”*

*...a escola é a instituição que nos ‘habitua a nos aborrecermos’ e ao longo dos anos desenvolve em nós ‘a paciência para aceitar, para suportar o tédio’. Graças a ação da escola, as pessoas, quando adultas, continuam a consentir no tédio...” (SNYDERS, 1996: 20)*

Não pretendo defender a hipocrisia de que a escola deveria deixar de preparar para o futuro e para o “bom” convívio social, mas sua ênfase precisa estar no presente, nas alegrias do agora, na alegria que o conhecimento proporciona, na alegria que a arte oferece, embora, como bem coloca Snyders (1996), essa alegria é composta de euforia e frustrações, emoções agradáveis e dores. Educar dessa forma, no entanto, é dar valor ao que é objeto da escola, ou seja: o saber, a cultura. E isso faz mais do que preparar para a vida; faz viver.

É pensando na alegria que a cultura proporciona a quem a descobre que quero falar de literatura neste capítulo. Penso que cabe à escola orientar, incentivar e, por que não, cobrar a leitura de boas obras literárias como parte primordial de qualquer currículo. Deixar a leitura apenas para os momentos de folga ou para a extra-escolaridade é negar o valor da literatura para o desenvolvimento humano, bem como negar a experiência da alegria pelo agora. A leitura de um livro pode provocar no leitor prazeres ou perturbações.

Quando uma pessoa está diante de uma obra literária, saboreando-a, não é nas necessidades do amanhã, na preparação para o vestibular ou para o mercado de trabalho que se deve estar ligado. Esse momento é unicamente para deliciar-se das emoções que tal obra suscitam no leitor e isso pode ser, então, uma experiência de alegria do modo como concebe Snyders (1996).

*“Enfim, aspiro a momentos de alegria, explosões de alegria num contexto que oscila entre o difícil e o atroz, aspiro a alegrias que ‘compreendam’ angústia e dor, que ‘co-nasçam’ com a angústia e a dor. Não aspiro à felicidade, que me parece evocar a prudência num sentido de abstenção mais ou menos estóica, ou referir-se a um subentendido religioso.” (SNYDERS, 1996: 46)*

Roland Barthes (1978) diz que um texto de fruição é capaz de nos colocar em estado de perda, deixando em crise a relação do leitor com a linguagem. Isso é fundamental para que se cumpra a função humanizadora da literatura, mas a busca pela fruição literária, é pouco enfatizada nas escolas. Estas instituições preocupam-se mais

com o que chamam de formação da consciência de forma crítica, usando os textos somente para comunicar saberes e não para provocar sabores.

Na visão de Snyders (1996), a escola é muito difícil de suportar e o aluno corre o risco de se sentir vencido por ela. Sua única possibilidade para vencer as desvantagens da escola é o envolvimento com a obra-prima.

*“Partilhar dos dramas daqueles que combatem, participar da alegria de ultrapassar limites que pareciam definitivos: apesar de tudo, a luz vai brilhando cada vez mais. Para ir em direção à alegria, conto com as obras e os homens de cultura, já que esta está comprometida com a alegria.”*

(SNYDERS, 1996: 50)

Independente da tendência pedagógica de cada instituição escolar, o que está em jogo na escola é chegar à cultura elaborada. A escola não é um lugar de simples trocas de opiniões, embora isto também deva acontecer em seu interior. Restringir-se a pura troca de idéias torna desnecessária a existência da escola, pois isto se faz na vida cotidiana, no espaço da cultura primeira. A cultura da obra-prima, seja na arte – foco desse trabalho – ou na ciência é o grande objeto da escola. No entanto, as tendências pedagógicas atuais, no desejo de compreenderem a dialética e a diversidade cultural, acabam temendo a obra-prima e afastando o aluno desse prazer, sob a desculpa de estar valorizando a sua própria cultura. Isso acaba tornando-se uma grande cilada, uma vez que cai na mera reprodução do que o aluno já vive em seu meio e, com isso, reproduz também a desigualdade social, garantindo o prazer da obra-prima apenas a uma determinada classe social que já tem acesso a ela na extra-escolaridade.

*“Não é da primeira vez, à primeira leitura de um poema, à primeira visita ao museu que todo aluno é tomado como que por uma revelação. Mesmo aqueles que são mais receptivos, mais acolhedores em relação à cultura, têm necessidade de recomeços, de novos encontros ocorridos graças a novas circunstâncias e também de tomar uma certa distância. Se a obrigação não estivesse ali como apoio, as metas culturais teriam menos chances de ser atingidas.”* (SNYDERS, 1996:

107)

O prazer pela literatura vem do fato de que o leitor pode e dá vida à obra a partir de sua interpretação pessoal. Ao ler, colocamos algo de nós na leitura e recebemos algo da história que fica agregado a nossa essência e vai ampliando horizontes culturais e humanos. Com isso, o leitor não pode ser considerado um simples consumidor passivo da cultura porque ele age e se coloca no que lê inevitavelmente. Assim também pensa Snyders (1996) quando afirma que o aluno *...não recebe simplesmente a obra, mas a prolonga, a enriquece, acrescenta-lhe algo, faz nascer nela ecos que nunca haviam ressoado.*<sup>7</sup>

A literatura é também um universo possível para se lidar com as angústias da vida e do mundo. Através dela o escritor recria o mundo e o leitor pode deliciar-se com esse mundo recriado. Esse é um dos papéis da Arte: recriar o mundo, com suas amarguras, loucuras, alegrias, mistérios, dando beleza. A Arte é uma recriação estética do mundo real e por isso nos toca profundamente.

A escola, no entanto, vem utilizando a literatura quase sempre como pretexto para algum exercício específico. Lê-se para fazer uma interpretação de texto posterior, para se aprender ortografia ou gramática, para adquirir fluência, aprender conceitos ou “para escrever melhor”. E o prazer? Lê-se por prazer, por gozo? Será que a escola tem dado oportunidade para que os alunos leiam deixando a leitura fruir?

Infelizmente, parece que a escola vem trabalhando na contramão da formação de leitores capazes de deixar a arte literária fruir no gozo da leitura. Por outro lado, são as obrigatoriedades da escola que atuam a favor da inserção do indivíduo no mundo da cultura, da obra-prima e isso ainda pode garantir um mínimo de esclarecimento dentro da escola. Afinal, a grande maioria de pessoas jamais teria acesso à cultura elaborada se não fosse por intermédio da escola.

---

<sup>7</sup> SNYDERS, Alunos Felizes. RJ: Paz e Terra, 1996, p. 114.

Snyders (1996), portanto, defende a alegria na escola pela obra-prima, a fruição da obra literária que deve compensar todas as dificuldades da escola, mas ele próprio afirma que, embora pareça contrário ao prazer, cabe à escola exigir o contato com a obra-prima porque, como já afirmei antes, para muitos alunos, é somente através das oportunidades obrigatórias da escola que se toma contato com a cultura elaborada.

Em consonância com esse pensamento de Snyders (1996), penso que somente o equilíbrio entre o prazer e a obrigação é que pode gerar a disciplina necessária para o desenvolvimento sadio e feliz do homem. A fruição acontece no âmbito do obrigatório também. Portanto, não só é válido, como também é necessário que a escola exija a leitura de seus alunos. Porém, isso deve ser conduzido de modo que o prazer pela literatura seja o objetivo final. Isso é muito diferente de obrigar o contato com a obra-prima apenas como pretexto para uma prova ou atividade escolar qualquer.

O prazer pela literatura está intimamente relacionado com a capacidade de admirar algo. Embora sejam poucos os alunos que vivam a escola como espaço de admiração atualmente, este é um aspecto fundamental para que existam alunos felizes pelos saberes das obras-primas. Snyders (1996) chega a afirmar que o valor do ser humano está intimamente relacionado com sua capacidade de admiração e ainda enfatiza que seu ideal de escola pressupõe recuperar essa capacidade de admiração diante da cultura elaborada.

Segundo Snyders, *“para que os alunos possam extrair alegria de uma matéria ensinada, é preciso que, de uma maneira ou de outra, eles se reconheçam nela...”* (SNYDERS, 1996: 192-193). A literatura é um campo em que a identificação com o saber se dá sempre, pois cada história, cada poesia, cada ficção tem um pouco de humano e, portanto, tem um pouco de cada aluno. Ao identificar-se com a criação literária, cada leitor se emociona, se envolve, se doa, se angustia, se delicia... sente prazer e gozo.

### 2.3 – LITERATURA COMO ARTE REVELADORA E TRANSFORMADORA DA SOCIEDADE

*"A Arte é uma mentira que nos ensina a compreender a verdade."  
(Pablo Picasso)*

Para Adorno (1985), aquele que consegue tomar consciência da própria alienação e enxergar além do padrão, acaba condenado a mera contemplação do belo, da arte. Como podemos ver no Mito de Ulisses, *"...o que ele escuta não tem conseqüências para ele, a única coisa que consegue fazer é acenar com a cabeça... sua sedução transforma-se, neutralizada num mero objeto da contemplação, em arte"*. (ADORNO, 1985: 45)

Roland Barthes considera a linguagem como algo essencialmente social e, portanto, ela é a expressão do puro poder social a que todos estamos submetidos. *"Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua."* (BARTHES, 1978:12) Para esse autor, então a língua é um objeto de submissão e, conseqüentemente, de alienação. Ele defende a idéia de que, por estarmos aprisionados às estruturas lingüísticas, uma vez que devemos nelas enquadrar nossos pensamentos, somos todos escravos da língua. Diz ainda: *"...a língua, como desempenho de toda linguagem, não é nem reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer."* (BARTHES, 1978:14), conforme já mencionei em outra etapa desta monografia. Dessa forma, de acordo com a teoria de Barthes, uma vez que a língua leva à aceitação obrigatória de suas estruturas para a completa comunicação, ela faz parte de uma estrutura de poder a qual todos estão submetidos.

*"O ser humano parte sempre, e todas as suas ações o dirigem para tal caminho, em busca da liberdade. Então, quando se considera que a liberdade é uma desvinculação total do poder a que se é submetido, dentro do universo lingüístico não há maneiras de ser livre. Só resta, pois, ao homem, a fuga da linguagem por meio de uma trapaça lingüística utilizando-se da própria língua: Essa trapaça,*

*salutar, essa esquiiva [...], eu a chamo, quanto a mim:  
literatura.” (BARTHES, 1978:16).*

Na visão de Roland Barthes (1978), a literatura é a utilização da linguagem não submetida ao poder porque a linguagem literária não necessita de regras de estruturação para se fazer compreender. O autor que se utiliza dessa linguagem não é obrigado a enquadrar rigidamente seus pensamentos nas estruturas lingüísticas; ele é “*livre*” para escolher ou criar uma estrutura própria, que proporcione uma clara expressão de seus sentimentos e idéias. Construindo o texto de acordo com seus próprios desejos, o escritor consegue dar um novo valor à sua criação; seu texto transcende a mera utilização comunicativa da linguagem para se tornar uma arte. Com isso, a literatura ganha o poder dessa nova linguagem ligado ao seu valor artístico. Através dessa linguagem, é possível refletir sobre a própria língua com liberdade. A linguagem literária permite que as palavras assumam vida própria, com novas significações que não aquelas normalmente ligadas a elas. A linguagem passa a ter “*sabor*”. Enquanto no discurso científico a linguagem é direta e não permite ambigüidades, na linguagem literária as palavras assumem novos significados e representações, abre possibilidades de interpretação e o contraditório coexiste.

Uma das funções da literatura é a representação do real que é dialético, contraditório. Esta representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado na literatura porque sua natureza é outra. Assim, Barthes (1978) diz que a linguagem literária é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma verdadeira imaginação das coisas. Ela joga com os signos da linguagem ao invés de reduzi-los a um universo já determinado.

Portanto, tendo a literatura a função de representação do real, busco também o conceito de literatura do crítico e sociólogo Antonio Candido (1972):

*A arte, e portanto a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um*

*elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.*

(CANDIDO, 1972:53)

Na citação acima, Candido fala da indispensável presença de um elemento de manipulação técnica, o qual é fator determinante para a classificação de uma obra como literária ou não. Esse elemento, entende-se, é a linguagem classificada por Barthes como a linguagem literária, a qual estabelece uma nova ordem para as coisas representadas, mantendo uma ligação com a realidade natural. Embora a literatura permita a criação de novos universos, esses são baseados, ou inspirados, na realidade da qual o escritor participa. Daí a afirmação de que a literatura é vinculada à realidade, mas dela foge através da estilização de sua linguagem. Também Marisa Lajolo (1981) afirma que a linguagem tem um papel determinante na classificação de uma obra como literária:

*É a relação que as palavras estabelecem com o contexto, com a situação de produção da leitura que instaura a natureza literária de um texto [...]. A linguagem parece tornar-se literária quando seu uso instaura um universo, um espaço de interação de subjetividade (autor e leitor) que escapa ao imediatismo, à predictibilidade e ao estereótipo das situações e usos da linguagem que configuram a vida cotidiana. (LAJOLO, 1981:38).*

Percebe-se, portanto, que a função exercida pela linguagem é de suma importância para que uma obra seja tida como obra de arte literária. Estando a literatura ligada à demonstração do real, ela assume algumas funções que atuam diretamente no homem, pois o representa e, depois, volta-se para sua formação, enquanto fruidor dessa arte. Antonio Candido, em "*A literatura e a formação do homem*" (CANDIDO, 1972) identifica as já citadas três funções exercidas pela literatura, as quais, em seu conjunto, denomina de função humanizadora da literatura. Isso já foi abordado no item *Para que serve a literatura?*, deste Quadro Teórico.

Numa sociedade capitalista como a nossa, no entanto, é muito difícil distinguir

uma obra de arte de uma obra da Indústria Cultural. O processo de massificação da cultura também atinge a literatura, sobretudo a infantil que representa uma grande fatia do mercado consumidor em função das escolas e por disso, nem toda obra expressa conteúdos culturais no sentido de possibilitar a transcendência do real, proporcionando prazer e autonomia do indivíduo. Ao contrário disso, embora muitos livros tragam elementos culturais, o que dá sustentação para sua criação é a dinâmica consumista.

Nesse ambiente social industrializado, a cultura perde-se do seu verdadeiro alvo, ou seja, da emancipação do homem pelo esclarecimento e de sua função humanizadora, passando a servir para um mero processo de produção. Somente a obra literária de qualidade – a arte literária – exerce sua função de reveladora da realidade de forma crítica, constituindo, assim, o sujeito social e não simples indivíduos consumidores.

Esse processo de produção da indústria cultural provoca o embrutecimento e a regressão dos sentidos humanos e a reprodução de um sistema social contrário a formação da subjetividade. Adorno (1985) acredita na possibilidade de resgatar a percepção dos sentidos apenas através da estética, pois a obra de arte não estabelece uma identificação imediata, mas sim uma mediação entre ela própria e a realidade social que a produziu.

Dessa forma, a obra de arte, com destaque nesta monografia para a literatura, pode ser encarada como a corporificação do empírico com certa autonomia que permite a reflexão crítica. Embora a dimensão estética da obra artística por si só não tenha o poder de constituir-se como determinante para mudanças das condições sociais, nela está contida a possibilidade de articular tais mudanças. Sua fruição não se dá pelo simples consumo, no entanto, mas pela apropriação da sua lógica interna, de seus elementos humanos e sociais que se fazem mediados por essa linguagem “livre” – a Arte.

A obra literária, enquanto arte, portanto, tem esse caráter de imprimir no leitor a fruição dos sentidos humanos. Como bem diz Snyders (1988), somente a cultura é capaz de proporcionar uma alegria que transforma o ser humano e essa alegria é composta do prazer e da dor. Por isso, a obra literária, assim como as outras formas de expressão de arte humanizam e podem gerar transformações no sujeito e na sociedade.

Embora o mercado tente e, até certo ponto, consiga apoderar-se das artes, transformando-as em meros produtos de consumo, barateados pela produção em série, a Arte sempre consegue uma certa autonomia que leva à reflexão crítica. A própria falta de finalidade da obra de arte faz dela uma produção “livre” para a lógica do capital. Infelizmente, no entanto, a literatura tem sido uma das expressões artísticas mais incorporadas pela indústria cultural, transformando-se em objeto de consumo das escolas como pretexto para o ensino. Defende-se a leitura em todas as instâncias do ensino, porém, atribui-se a ela, implicitamente, funções de mercado.

Se as exigências de leitura e as publicações barateadas para as grandes massas representassem, de fato, o seu acesso às culturas de esclarecimento, bem como a sua ascensão, rumo a democratização real da cultura, sempre restrita a poucos, poderíamos aceitar que a produção em série de obras literárias não está representando mera degradação, mas sim socialização da arte. Infelizmente, não é isso que tem ocorrido. Inserir as massas em áreas que antes estavam excluídas, na avaliação de Adorno (1985), significa que a eliminação do privilégio da cultura pela venda em liquidação da “cultura” não coloca as massas nas áreas de que eram excluídas, mas serve, ao contrário, para a decadência da cultura e para o progresso da incoerência.

Apesar de toda ação da indústria cultural, no entanto, a literatura é uma esperança de esclarecimento e, ainda segundo Adorno (1985), isso não acontece apenas por sua dimensão estética, mas também por sua condição de linguagem que inaugura a reflexão. A reflexão deve ser entendida como a não-resignação e resistência do sujeito a todo clichê que envolve o plano da consciência, devolvendo-lhe a capacidade de ação no mundo. A relação da obra com seu conteúdo, portanto, é vivenciada sempre num contexto de tensão.

É necessário observar, no entanto, que apesar de toda possibilidade de esclarecimento que a arte literária apresenta, na visão de Adorno (1985) a reflexão é apenas filosófica, pois ele não considera a existência de sínteses transformadoras do social. Para ele, a indústria cultural sempre consegue agregar a ela qualquer tentativa de emancipação. Snyders (1996), ao contrário de Adorno (1985) consegue ver na cultura a possibilidade de sínteses emancipadoras. Seu pensamento distancia-se da dialética negativa de Adorno (1985) na medida em que considera a cultura elaborada como um

meio de atingir a transformação do sujeito e da sociedade através da alegria que a cultura produz.

### III – CASOS DE PROFESSORES LEITORES

Conforme foi descrito na Metodologia deste trabalho, alguns casos reais serviram de base para a realização de uma análise crítica sobre a literatura enquanto uma Arte necessária à formação humana. O estudo de caso combinado com a crítica imanente, conforme já foi afirmado em outro momento, permitiu a captação, embora modesta pela natureza do trabalho, de tendências do particular que podem estar no universal, mesmo não sendo o universal.

Uma vez que o método da teoria crítica não busca estabelecer leis científicas a partir de amostragem, como faz a ciência positivista, a apresentação de casos de professores leitores nesse trabalho tem o objetivo de trazer dados para buscar o universal dentro do particular a luz da teoria crítica e do pensamento de Snyders e não acima dele, transformando um fragmento tão pequeno da verdade em verdade absoluta.

A busca dos sujeitos para esta pesquisa se deu pelo ambiente virtual, através do TELEDUC, um ambiente de suporte para ensino-aprendizagem a distância da CCUEC - UNICAMP e que encontra-se na rede pelo site-servidor: [www.ead.unicamp.br](http://www.ead.unicamp.br). Em 2004, a Faculdade de Educação da UNICAMP ofereceu o curso EP 356 – Literatura e Educação, sob a coordenação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva (orientador desta monografia). A referida disciplina transcorreu com aulas presenciais e à distância, através do TELEDUC. Trinta e quatro pessoas, inclusive eu, matricularam-se para este curso e a primeira tarefa a cumprir via TELEDUC foi escrever e colocar na rede um perfil de si mesmo. O objetivo era apresentar-se ao grupo, bem como contar um pouco sobre as experiências pessoais com literatura.

Na seqüência, muitos outros textos foram produzidos e colocados na rede, o que permite, diante de todo material que ainda está no ar<sup>8</sup>, ter uma noção do que foi o curso de Literatura e Educação.

---

<sup>8</sup> Esta monografia é datada de 2005 e não há garantia sobre o tempo que o material da disciplina EP356 ainda ficará no ar. Além disso, para se ter acesso a todas as produções dos alunos, é preciso ter login e senha cadastrados no ambiente TELEDUC.

Para esta monografia, no entanto, o foco era trazer histórias de vida reais, a fim de investigar, através de estudo de casos, se a literatura exerce, de fato, um papel de provocadora de prazeres e dores necessários ao desenvolvimento cultural e do homem emancipado.

Diante da produção dos trinta e quatro perfis, portanto, selecionei dez, procurando incluir histórias de leitores e de não-leitores. O número de dez foi determinado em função do pouco tempo para trabalhar com mais histórias de vida neste trabalho. Feita a seleção dos perfis, cada autor / ex-aluno da disciplina EP356 recebeu um e-mail que se segue, abaixo, com seu texto na íntegra, convidando e pedindo autorização para inclui-lo na pesquisa.

*“Olá*

*Cursei a disciplina Literatura e Educação do Prof. Ezequiel com você no ano passado e estou fazendo meu TCC com dados dos Perfis que produzimos no TELEDUC.*

*Gostaria de poder contar com você para minha pesquisa autorizando-me a utilizar seus dados, sem citar seu nome, bem como respondendo a alguns e-mails que por ventura eu precise enviar a você para coletar outros dados necessários à pesquisa.*

*Ficarei muito grata se puder contar com seu apoio.*

*Se possível, aguardo sua resposta até domingo 27/08 quando fecharei os nomes das pessoas que participarão da pesquisa para entregar ao meu orientador - o Prof.*

*Ezequiel.*

*Desde já agradeço,*

*Simone Santos”*

Após enviar os e-mails, uma pessoa respondeu dizendo que não gostaria de ser incluída na pesquisa, cinco responderam concordando com a participação e quatro não responderam nada. Curiosamente, não obtive resposta de nenhuma pessoa que declarou não ter grande afinidade com a literatura. Decidi incluir no trabalho apenas os cinco

perfis das pessoas leitoras que concordaram com sua participação, por uma limitação no tempo da pesquisa. Também foi necessário abandonar a idéia inicial, descrita na Metodologia desta monografia, de utilizar o método da entrevista recorrente porque não seria possível prolongar as conversas virtuais com os sujeitos da pesquisa a fim de esclarecer pontos do perfil inicial.

Diante de tais limitações, utilizei os textos na íntegra – que se seguirão no corpo deste capítulo – dos cinco perfis que constam do ambiente TELEDUC. Os nomes dos sujeitos foram trocados para garantir a privacidade de cada um.

Leticia parece incluir a leitura em sua vida como um ingrediente de primeira necessidade para a sobrevivência, colocando no mesmo patamar em que “...*dormir, comer, nadar e estar com meus amigos.*” Seu perfil, na íntegra, segue abaixo e será doravante denominado de **Perfil 1**:

### **Perfil 1**

*“Olá! Meu nome é Leticia, tenho 20 anos e estou no terceiro ano de Pedagogia. Sou de Sorocaba e moro na moradia da Unicamp durante a semana, adoro morar lá e isso acontece desde o primeiro ano. Adoro ler, leio de tudo! Adoro literatura também, além de dormir, comer, nadar e estar com meus amigos.*

*Não sou uma pessoa muito sociável, mas sou menos chata do que parece...rs...*

*Acho q é isso! bjs p/ todos!!”*

Para Elaine, a literatura é tão essencial que vale até correr riscos para não abrir mão desse prazer. Lia escondido de sua mãe, na infância e adolescência e, hoje, lamenta a falta de tempo que os estudos (graduação) lhe impõe. Para ela, a Universidade tem sido responsável por roubar-lhe esse prazer. O aspecto científico de suas leituras obrigatórias na graduação parecem estar negando-lhe o contínuo desenvolvimento de seu eu, uma vez que precisa abandonar a fruição da literatura para dar conta do saber

científico. Sua história será identificada como **Perfil 2**:

### Perfil 2

*“Meu nome é Elaine<sup>9</sup>, mas meus familiares me chamam de laine, uma abreviação simples do nome. Sabem, Elaine é uma variação de Helena, por isso sempre gosto de ouvir e pensar sobre a Helena mais bonita das histórias, a de Tróia.*

*Uma das coisas que mais gosto de fazer é estar com meus sobrinhos (tenho 8), também gosto do meu cachorro, embora meu marido diga que não gosto dele.*

*Gosto também de ler. Quando era adolescente li todos os livros do Sidney Sheldon e da Agatha Cristhie, minha mãe brigava comigo, pois dizia que faria mal ler tanto, então lia escondida a noite depois que ela dormia.*

*Depois que entrei na faculdade, infelizmente, precisei deixar de lado a leitura pelo prazer, pois outras leituras são exigidas e não consegui conciliar tudo. Mas nas férias procuro ler tudo que gosto, atualmente meu desafio é ler Ana Karenina, já peguei o livro e não consegui terminar de ler.*

*Se continuar escrevendo não terei espaço suficiente aqui, pois além de gostar de ler, gosto de escrever. Quem quiser saber mais é só me procurar para bater um "papinho".*

*Até mais...”*

Para a terceira pessoa, a literatura está no campo das paixões. É dessa forma que

---

<sup>9</sup> A identidade desta pessoa foi mantida com autorização da mesma, em função da história que ela conta sobre o próprio nome.

ela apresenta sua relação com a literatura indicando que há entre ambas uma relação de essência humana. Seu texto segue como **Perfil 3**:

### **Perfil 3**

*“Sou aluna da Pedagogia Unicamp curso de Formação de Professores em exercício. Trabalho como monitora em uma creche de Educação Infantil, gosto muito do que faço. Sou muito centrada na minha família, acredito que ela é a base essencial da minha vida. Bem, tenho alguns grandes amigos e procuro sempre estar perto deles. Gosto de dançar, de conversar, de dar risada... **Tenho algumas paixões, e uma delas é a literatura...**Gosto de Clarice Lispector, José Saramago, Cecília Meireles... Estou adorando conhecer vocês...”*

Para a quarta pessoa, fica muito evidente a função humanizadora e social que a literatura exerce em sua vida. *“Gosto muito de poesias e procuro por elas sempre em picos de tristeza ou alegria. Mas leio Bertold Brecht em qualquer ocasião, me faz ter coragem de lutar por uma sociedade mais justa.”* Ela coloca a literatura como alimento de suas emoções e de suas lutas sociais. Para ela, uma relação estreita com a literatura parece ser essencial para a transformação social. Seu texto segue abaixo identificado como **Perfil 4**:

### **Perfil 4**

*“Nasci em Vinhedo, interior de São Paulo, em 29 de novembro de 1982. Aos 15 anos tomei uma decisão muito importante: cursar o magistério. Após quatro anos de estudo, em 2001 me formei como docente no CEFAM de Campinas. Foram anos de muita luta em defesa do magistério, principalmente em defesa do projeto CEFAM. Em 2002 e 2003 exerci o magistério*

*na Rede Municipal de Vinhedo como estagiária e, nesse ano, estou afastada do trabalho docente - sou secretária do Centro Acadêmico de Pedagogia. Ingressei na UNICAMP em 2003, no polêmico curso 59 - PEFOPLEX.*

*Moro com meus pais na minha cidade natal e com meu irmão Fábio, de 25 anos. Tenho outro irmão, Felipe, com 28 anos, casado, para quem vivo pedindo um sobrinho. Adoro criança... Tenho muitas pessoas queridas, uma delas o meu namorado Thales, com quem partilho muitos sonhos e também minhas frustrações. Não posso deixar de lembrar das minhas queridas amigas Mona, Lili, Cacau, Pri, Tita e Ju com as quais passei momentos maravilhosos da minha vida e espero passar muitos outros. Saudades...*

*Prefiro as montanhas do que as praias, as estrelas do que o sol, doces no lugar de salgados... e gato mais que cachorro. Tenho uma gata chamada Hana.*

*Ouçõ muita MPB, sou apaixonada por rock'n roll e agora, mais do que nunca, estou pegando gosto por música instrumental brasileira, graças ao meu namorado que toca piano popular. Na minha infância era fissurada por livros, lia e relia todos os que haviam na minha casa. Não tínhamos muitos livros nem condições de adquiri-los por isso aproveitava ao máximo todos os que ganhava. Dos livros da minha infância lembro-me que o primeiro foi "O patinho feio", quando eu ainda só conseguia 'ler' as ilustrações. Um livro me marcou muito na adolescência: "Crônica de uma morte anunciada" de Gabriel Garcia Marques. Um livro fantástico que me prendeu do início ao fim, me fazendo devorá-lo em um único dia. Gosto muito de poesias e procuro por elas sempre em picos de tristeza ou alegria. Mas leio*

*Bertold Brecht em qualquer ocasião, me faz ter coragem de lutar por uma sociedade mais justa.”*

A última pessoa aqui relacionada não explicita como é sua relação com a literatura, mas escreve seu perfil de forma poética. Sua escrita talvez seja a maior prova da transformação que a literatura tem provocado nela. Trata-se de uma pessoa consciente de suas contradições, da dialética da vida e expressa tudo isso que os teóricos complicam para dizer, de forma simples, humana, como se tivesse brincando com as palavras. O seu texto segue identificado como **Perfil 5**:

### Perfil 5

*“Sou alguém muito diferente e ao mesmo tempo muito igual a todo mundo, sou diferente quando vivo intensamente os meus dias, quando percebo que uma flor desabrochou no jardim de minha casa, sou igual quando olho a flor e não a vejo, quando vejo e não toco, quando toco e não percebo!*

*É eu sou igual e diferente porque gosto de falar, de cantar, de interpretar, de dançar, de me arrumar, de me organizar, de amar. De amar, para mim, o que dá razão a todas as outras coisas, amar, viver assim apaixonada pela vida, pelas pessoas, pelos olhares diferentes quando cruzo uma rua, pelos odores e pelos sabores, pelas vozes e pelos cantos dos homens e dos pássaros. Eu sou assim igual e diferente!*

*Gosto de viajar, ver pessoas diferentes, conhecer lugares distantes, ver praias bonitas, ver o mundo a rodar num turbilhão de fatos e coisas diferentes. As vezes gosto do mundo como ele é, as vezes quero mudá-lo, transformá-lo em algo melhor, mais feliz, uma felicidade que envolvesse todos os povos, todas as nações e chegasse até outros planetas e fizesse felizes todos os habitantes desses outros planetas e da lua, e*

*das estrelas e das infinitas galáxias dessa imensidão  
que é o infinito.”*

Dentre os cinco perfis selecionados acima, a questão da literatura enquanto uma arte necessária à vida aparece claramente na escrita de Letícia, de Elaine e da pessoa do Perfil 4. No perfil 3, mais do que necessária, a pessoa entrega-se à literatura como à uma paixão. Também Elaine vivencia a literatura como paixão que ela precisou viver clandestinamente na adolescência e na maturidade, ora pela proibição do adulto (mãe), ora pelas exigências da sua própria vida adulta.

O Perfil 4 aponta a literatura como alimento para a “alma” e para as lutas sociais. Nesse perfil, a função humanizadora de *Candido* (1972) aparece claramente no seu aspecto psicológico – “*gosto muito de poesias e procuro por elas sempre em picos de tristeza ou alegria...*”, remetendo à necessidade humana de fantasiar e, no seu aspecto formador e social – “*...leio Bertold Brecht em qualquer ocasião, me faz ter coragem de lutar por uma sociedade mais justa.*”, pois a literatura lhe dá força para unir fantasia e realidade e assim buscar a transformação social.

O perfil 5 não deixa claro o que representa a literatura em sua vida, mas sua escrita remete ao pensamento dialético: “*Eu sou assim igual e diferente.*” A convivência dos antagônicos dentro de uma mesma pessoa é expresso por uma linguagem poética de si mesma. Ela não fala de literatura, mas mostra literatura na sua essência.

## CONCLUSÃO

### A ESCOLA A FAVOR DA (DE)FORMAÇÃO DE LEITORES

Os dados levantados através dos relatos dos sujeitos da pesquisa permitiram, a partir do diálogo com a teoria, levantar hipóteses para conhecer um pouco da dinâmica criada em cada pessoa a partir da relação com a literatura. Estes dados são importantes na medida em que possibilitam a compreensão de como a literatura exerce sua função humanizadora e do como, sendo Arte, pode provocar transformações emancipadoras no sujeito. Esta transformação pode ser notada sob diversos aspectos. O primeiro que quero ressaltar é em relação à função humanizadora, tese defendida por Candido (1972), em seus aspectos psicológico, formador e social. Os sujeitos da pesquisa mostraram a própria vivência deste processo humanizador colocando a literatura como “alimento” – algo essencial à vida das pessoas aqui pesquisadas. Ao exercer esta função, a literatura transforma as pessoas favorecendo a construção de um equilíbrio interno entre o lado Apolo (razão) e Dionísio (paixão, desejo). Responsável pelo desenvolvimento da fantasia, a literatura liberta, mas ao impor os limites da obra, ela disciplina. Este equilíbrio promove a alegria que defende Snyders (1996), o gozo, segundo Barthes (1978).

Outro aspecto a ser destacado é a função emancipadora que a literatura exerce. Por ser Arte, ela rompe com o cotidiano, transcendendo-o, embora parta dele e retorne a ele. A literatura pode exercer esta função porque seu elo com a cultura elaborada favorece o esclarecimento e, sua linguagem “livre”, estética provoca reações humanas, sensações e projeções do leitor sobre a obra. Isto é o que permite uma leitura única a cada vez que se retorna a uma obra. Por este diálogo do sujeito inteiro com a obra completa, a literatura exerce sua função emancipadora, ou seja, percebe o olhar crítico para o real e “...faz ter coragem de lutar por uma sociedade mais justa”, como afirma a pessoa do Perfil 4 desta pesquisa.

A escola, entretanto, é a instituição social responsável pela formação de leitores, mas a literatura chega ao seu interior transformada em produto de venda. Com isso, muitas das discussões pedagógicas e das tentativas de uma prática emancipadora pela cultura são caladas diante da máxima de que “o livro custa caro ou o livro é um

*pretexto para ensinar conteúdos e valores da sociedade capitalista*” e, nesse caso, a formação de leitores cede lugar para a formação de reprodutores de saberes fragmentados. A literatura passa por um processo de deformação no interior da escola quando se torna apenas pretexto para outra coisa que não ela mesma; entregue a fragmentos de cultura literária, a escola raramente garante espaços de fruição da literatura.

Concordo que o domínio da norma culta da língua e o conhecimento dos conteúdos científicos que fazem parte da grade curricular das escolas podem ser trabalhados a partir de textos significativos e de recortes da literatura. Tais conteúdos são fundamentais para o exercício da cidadania de qualquer pessoa, mas isto não pode implicar em atribuir valor menor ao aspecto da fruição da obra de arte, dentre elas, a literatura; atitude completamente contrária ao que seria necessário para o desenvolvimento de um cidadão emancipado e autônomo na visão de Adorno e também conforme o que penso. A literatura enquanto um exercício individual e reflexivo não pode ser deixado para os raros momentos de folga entre uma lição e outra, como privilégio, muitas vezes, dos alunos mais rápidos no cumprimento dos deveres escolares.

Compartilho da idéia de Adorno quando diz que só há emancipação quando se tem conhecimento da cultura e não de fragmentos dela; quando, pelo saber científico, social e pela arte se torna possível fazer a crítica imanente da sociedade e da própria cultura. Mas não vejo nenhuma escola trabalhando nesse sentido integralmente ainda. Dentre os perfis apresentados de cada sujeito nesta monografia, não há nenhuma referência a ações da escola em favor da formação de leitores. Ao contrário disso, há quem precisava ler escondido porque a mãe acreditava que faria mal o “excesso” de leitura. Este é o caso de Elaine, do perfil 2, que afirma: “... *minha mãe brigava comigo, pois dizia que faria mal ler tanto, então lia escondida a noite depois que ela dormia.*” Os sujeitos da pesquisa apresentaram a literatura enquanto paixões que para ser vividas enfrentam dificuldades diante do mundo adulto, das responsabilidades acadêmicas, da falta de tempo... Como uma boa paixão, a literatura é vivida pelos sujeitos de forma quase clandestina e fora da escola.

Na sociedade liberal capitalista, o homem domina pelo que sabe, mas o sistema

determina o que deve ser sabido. Embora o próprio homem, geralmente, não tenha consciência da dominação a que está sendo submetido, aos poucos, a escola acaba colaborando para a deformação de leitores, uma vez que alimenta o valor de que os conteúdos científicos são mais importantes e funcionais do que a Arte. Ao relegar a literatura, bem como outras expressões da Arte, para um segundo plano, a escola desconsidera seu valor e nega aos alunos a oportunidade da fruição e da própria humanização emancipadora. Priorizar áreas do saber científico demonstra, sobretudo, o quanto o saber é totalitário uma vez que a ciência se construiu a partir do critério da calculabilidade e da utilidade. Se não é calculável nem útil, não pode ter valor.

No entanto, vale ressaltar que a regressão das massas provocada pela (de)formação da escola não é fruto da maldade planejada de alguns diretores e professores, visto que estes também estão subjugados ao sistema de dominação. A regressão está na incapacidade de ouvir e ver criticamente, de pensar e sentir autonomamente. No mundo positivista, a regra determina o que é verdadeiro tanto para empregados quanto para patrões; tanto para quem está dentro do mercado quanto para quem está fora dele.

Falemos, porém, dos sujeitos desta pesquisa que, embora não relatem suas experiências escolares em relação a literatura e apontem a graduação como uma fase escolar que impede a fruição e o gozo literário em função da tomada quase total do tempo do aluno para o saber científico, percebe-se que, em algum momento, a literatura foi incorporada nas vidas das cinco meninas como algo essencial e seus perfis demonstram que isto provavelmente aconteceu na infância ou na adolescência, fase escolar, portanto.

Fragmentos dos perfis como os citados abaixo, indicam a evidência de que a literatura se tornou uma paixão necessária aos sujeitos da pesquisa na fase escolar, porém não na escola:

a) *Na minha infância era fissurada por livros, lia e relia todos os que haviam na minha casa. (Perfil 4)*

b) *Não tínhamos muitos livros nem condições de adquiri-los por isso aproveitava ao máximo todos os que ganhava.* (Perfil 4)

c) *Quando era adolescente (...) minha mãe brigava comigo, pois dizia que faria mal ler tanto...* (Perfil 2)

Apesar dos sujeitos não terem mencionado a escola enquanto uma facilitadora deste processo de apropriação da literatura enquanto um instrumento de alegria e gozo transformador da própria vida, ousou inferir que a instituição escolar tenha contribuído de alguma forma para a formação dos sujeitos da pesquisa. Considero para esta inferência a própria escolha profissional dos sujeitos, ou seja, todas são estudantes de Pedagogia e algumas explicitam ter grande afinidade com esta área profissional, como fica demonstrado nos fragmentos abaixo:

a) *“Sou aluna da Pedagogia curso de Formação de Professores em exercício. Trabalho como monitora em uma creche de Educação Infantil, gosto muito do que faço.”* (Perfil 3)

b) *“Aos 15 anos tomei uma decisão muito importante: cursar o magistério. (...) foram anos de muita luta em defesa do magistério...”* (Perfil 4)

Com isso afirmo que, embora seja uma instituição de reprodução da dominação, a escola pode exercer sua função de educar para o esclarecimento, para a emancipação e assim contribuir para a formação contra a barbárie imposta pelo sistema.

A instituição escolar precisa dar conta de algo além dos conteúdos socialmente valorizados por sua função direta no mercado de trabalho. Cabe a ela educar contra a barbárie gerada pelo positivismo, cabe humanizar nos aspectos psicológico, formador e social. Cabe a escola ser veículo da alegria que a cultura elaborada exerce sobre o sujeito; a alegria de superar-se, encantar-se e, assim, buscar a transcendência do cotidiano, despertando para novos olhares da realidade. É preciso desconstruir a realidade para fazer a crítica por dentro dela mesma e isso não se faz apenas com ciência calculável, mas com sujeitos da própria história e da história social, com

pessoas que se permitem doar para gozar, porque a cultura que transforma se faz violência contra os próprios valores. É preciso muita Arte para conseguir romper com os valores que reproduzem a dominação e, construir então, valores mais humanos.

O ser humano é essencialmente um ser desejante, mas o desejo, na sociedade positivista, é considerado uma expressão humana a ser controlado, reprimido e isso acontece pela reprodução calada dos valores ideológicos sociais porque além de animar o psiquismo, o desejo também estimula as forças animadoras pela transformação social. Possui um caráter essencialmente produtivo, revolucionário e por isso, é visto como uma ameaça ao sistema. Os apaixonados são desobedientes, descobriram alguma coisa que vale mais do que a boa adaptação às normas, são menos susceptíveis às barganhas e às propostas de renúncia da liberdade em troca da segurança. Elaine, sujeito desta pesquisa, viveu isto quando precisou ler escondido, depois que a mãe dormia. Ela não abriu mão de seu desejo porque isto não é possível a quem já se apaixonou. Outro sujeito, a do perfil 3 também admite-se apaixonada. “*Tenho algumas paixões, e uma delas é a literatura...*” e sua paixão tem nome, “*gosto de Clarice Lispector, José Saramago, Cecília Meireles...*” porque a paixão é o campo de quem sabe o que deseja.

Para Adorno e Horkheimer, a educação, o trabalho, a diversão, tudo está posto como determina a Indústria Cultural. Sendo assim a pessoa acaba por não perceber que o que lhe é oferecido não passa de cópias do processo de trabalho. Os professores se responsabilizam por tudo e se sentem fracassados; os alunos são rotulados de maneira oculta como incapazes e privados da cultura elaborada. Sob a falsa idéia de respeito a diversidade cultural, a escola tem privado os alunos da cultura elaborada e da transcendência do seu cotidiano. Desta maneira o indivíduo, que há muito já deixou de ser sujeito – alunos, professores e gestores da educação – vai sendo expropriado de sua capacidade reflexiva, não consegue perceber que o universo escolar é a própria reprodução do sistema de trabalho, como forma de controle, com a finalidade máxima da manutenção do *status quo*.

Em época de capitalismo liberal, tende-se a centrar no indivíduo a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso e a idéia de sucesso está intimamente relacionada com os lucros que se obtém no mercado de trabalho para poder melhor consumir os produtos da indústria cultural. Assim, professores, pais e alunos apropriam-

se desse discurso e conseqüentemente acabam fazendo análises superficiais acerca da conjuntura sócio-econômica e política. Tratam de problemas de uma conjuntura geral como se fossem dos indivíduos particulares. Com isso, a escola fica a mercê da distorção da realidade e cada vez mais, reproduz com seus saberes fragmentados, a lógica do capital. O prazer que a escola busca oferecer aos alunos é um pseudo-prazer, pois evita a cultura elaborada por julgá-lo incapaz de compreendê-la, evita a disciplina, transformando-se em picadeiro de circo, para não frustrar as crianças com as dificuldades do ato de aprender e assim, consegue-se apenas o prazer imediato de uma escola atraente, gostosa, mas não atinge-se o prazer da cultura que segundo Snyders é o que garante alunos felizes.

Provavelmente, é nesta inversão do pensamento que privilegia o prazer imediatista em detrimento do prazer pela cultura que a escola torna-se incapaz de formar leitores e de situar-se enquanto instituição para a transformação psicológica e social. Ao buscar o prazer imediato, a escola reproduz a lógica da indústria cultural e abre espaço para a literatura, assim como para outras formas de expressão da Arte, da forma como espera o mercado, ou seja, transformando a cultura em mero objeto de consumo, em futilidades a serem oferecidas apenas aos mais dotados.

Trazer à tona o sofrimento humano representado através da literatura é abrir caminhos para a reflexão do sujeito esclarecido e educá-lo para a transformação emancipadora. Ao entregar-se para a Indústria Cultural que transforma educação em produto consumível, prostituindo o universo escolar, a dominação prevalece e a construção de uma equipe pedagógica coesa e comprometida com o exercício de educar paralisa-se. Ao receber literatura, sob a forma de paradidático, como produto das editoras para o consumo de massa, com seus manuais de como ensinar usando paradidáticos, tira-se do professor o direito de pensar individual e coletivamente sobre educação. Suprime-se de quem deveria representar a cultura a chance de humanizar-se em busca da própria emancipação.

No entanto, ao se transformar em simples mercadoria de venda, a literatura passa a existir no interior escola como algo essencial, mas vinculado às funções do saber científico. A cultura é colocada em xeque diante do paradoxo: de uma lado, a leitura é defendida por todos e de outro é renegada porque o saber calculável toma quase todo o

tempo da escola. Refletir sobre esse prazer necessário ao homem – a literatura – a luz da Teoria Crítica é, necessariamente, se colocar diante de paradoxos porque a realidade é dialética e, embora, ocorram sínteses entre a realidade e a teoria, estas nunca serão sínteses completas e permanentes. Pensar em sínteses definitivas para Adorno é o grande “erro” da ciência de pressuposto positivista que ao pretender-se neutra e objetiva, também transforma-se em mito. Refletir sobre a realidade seja ela qual for e em nosso caso aqui, a literatura enquanto uma arte necessária ao desenvolvimento humano, exige que nos coloquemos diante da existência do contraditório. Embora Snyders diferencie de Adorno quanto a este aspecto da possibilidade de sínteses, pois para isso é possível através da cultura, penso que a indústria cultural estará sempre atenta a qualquer possibilidade de esclarecimento, incorporando a cultura e transformando-a em produto, mas ainda assim, a escola pode ser o local da formação de leitores capazes de buscar sínteses, ainda que provisórias, alcançando o prazer necessário para se fazer esclarecido. *“Às vezes gosto do mundo como ele é, às vezes quero mudá-lo, transformá-lo em algo melhor, mais feliz, uma felicidade que envolvesse todos os povos, todas as nações e chegasse até outros planetas...”* (Perfil 5) A cultura faz sonhar, faz acreditar, *“... dá coragem de lutar por uma sociedade mais justa.”* (Perfil 4)

Portanto, a realização deste trabalho permitiu a desconstrução do cotidiano para que fosse possível olhar para seus pontos paradoxais e, assim, rever e reconstruir a função da literatura no interior da escola. Penso que o movimento de reflexão sobre a função da literatura, sobretudo no interior da escola é violento e dolorido, pois incomoda, mas não há outro caminho para construir práticas emancipatórias no universo escolar. Entendo que a escola está e estará sempre subjugada a ação da Indústria Cultural, porém creio que seja possível assumir atitudes reflexivas, encarando as contradições que compõem a escola e a sociedade para permitir a construção de práticas docentes a favor do esclarecimento emancipador.

No entanto, esta monografia não pode ser encerrada sem considerar que esta é resultado de uma pesquisa bastante modesta e limitada por questão de tempo. Uma pesquisa mais ampla, envolvendo um maior número de sujeitos, através de entrevistas recorrentes até que se consigam depoimentos límpidos, bem como o envolvimento de sujeitos que não estejam vinculados a uma disciplina de Literatura e até que não gostem, nem percebam efeitos da literatura em suas vidas seria fundamental para uma maior

amplitude dos resultados obtidos. Os limites da pesquisa, porém, não anulam seu valor visto que tais limitações não são decorrentes de insuficiência teórica ou inadequação dos procedimentos.

## BIBLIOGRAFIA

### Bibliografia fundamental

AMORIM, Alan Ricardo de. *A Literatura em busca de um conceito*. Maringá, PR: Revista Bimensal da Universidade Estadual de Maringá, Ano I, nº 2, Julho, 2001.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECO, Umberto. *Sobre a literatura*. RJ: Record, 2003.

HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

SNYDERS, Georges. *A alegria na escola*. São Paulo: Manole, 1988.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Trad. Cátia A. P. Silva. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

### Bibliografia secundária

LAJOLO, Marisa. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1993.

NUNES FILHO, Nabor. *Eroticamente Humano*. Piracicaba, SP: UNIMEP, 1994.

SALIS, Viktor D. *Mitologia viva: aprendendo com os deuses a arte de viver e amar*. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1981.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Os descaminhos da escola: traumatismos educacionais*. São Paulo: Cortez/ Autores Associados, 1990.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Magistério e Mediocridade*. São Paulo: Cortez, 1992.

SILVA, Lilian Lopes Martins da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, Regina. *A leitura e o ensino da literatura*. São Paulo: Contexto, 1988.

ZILBERMAN, Regina & SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura & pedagogia: ponto & contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

